

FILHOS DA TERRA

CARLOS CHAGAS

Sanitarista que isolou parasita do barbeiro e deu nome à endemia que assolou área rural do país é homenageado com memorial e centro cultural. Fazenda onde nasceu será recuperada

O gênio da saúde pública

MAURÍCIO LARA

Oliveira (MG) – Bem no centro desta cidade de 38 mil habitantes, a 160 quilômetros de Belo Horizonte, no prédio onde funcionava o antigo fórum, está a Casa de Cultura Carlos Chagas, instalada em 1983. Lá fica o memorial, homenagem maior da cidade ao filho ilustre, médico e sanitário, que isolou o parasita do barbeiro, que batizou de *Trypanosoma cruzi*, causador da Doença de Chagas, que grassava no interior do Brasil e foi descrita pelo cientista mineiro.

“O maior orgulho da cidade é Carlos Chagas ter nascido aqui”, afirma a administradora da Casa de Cultura, Ana Maria Barros Assis Ribeiro, que mostra a inscrição “Terra de Carlos Chagas” na lateral dos coletivos que passam pela Praça XV de Novembro. Ela enumera ainda outras homenagens da cidade ao cientista, como a rua e a Escola Municipal Carlos Chagas.

Na entrada do Centro Cultural está um busto do cientista com a frase: “Homenagem do povo brasileiro ao sábio Carlos Chagas”. Está também reproduzida uma frase dele, proferida em 1928: “Não vai demorar que passemos adiante uma grande e bela ciência, que faz arte em defesa da vida”.

No memorial, além de fotografias variadas, como a da Fazenda Bom Retiro, em que Carlos Chagas nasceu, e publicações sobre ele, estão objetos como a escrivaninha que ele usava para o trabalho diário e peças como a roda d'água e o pilão da fazenda. É lá que os estudantes da cidade vão conhecer a história do conterrâneo e buscar subsídios, por exemplo, para participar dos concursos de redação promovidos pelas escolas.

“Ele foi guerreiro. Admiro muito que naquela época ele tenha ido fundo”, diz a funcionária pública Maria de Fátima Pereira Santos, 55 anos. Ela cobra mais divulgação da história do conterrâneo, especialmente entre os estudantes da cidade. Outra que cobra mais culto à memória do parente ilustre é a sobrinha e presidente do Conselho Curador da fundação que mantém a Casa de Cultura, Raquel Ribeiro de Castro Viglioni. “A cidade não fala dele como deveria, mas sempre se refere a ele”, testemunha Raquel Viglioni. Uma queixa dela é quanto à desativação da entrega da Comenda Carlos Chagas, que movimentava a cidade a cada dois anos, por ocasião da outorga a destaques da ciência, artes, política e movimentos socio-culturais. “Há falta de empenho das autoridades para reativar a comenda”, lamenta a curadora.

Mesmo assim, a comerciária Júnia Mendes de Oliveira, de 31, garante que “todo mundo na cidade sabe um pouquinho da história dele. Desde a escola a gente vai aprendendo sobre Carlos Chagas”. Muito dessa história está na Fazenda Bom Retiro, a 27 quilômetros do Centro, recentemente adquirida pela família do comerciante Francisco Augusto Vargas de Resende e sua mulher, Heloisa Leite Reis.

“A gente quer manter a casa do jeito que ela era”, garante o comerciante, que tem dois motivos principais que estimulam a disposição de preservar: o aspecto histórico, por ser a casa em que nasceu o cientista, e aspectos afetivos, uma vez que foi o bisavô dele que, no início do século passado, adquiriu a propriedade da família de Carlos Chagas. “Meu avô e meu pai nasceram aqui”, revela Francisco Resende. Uma das primeiras iniciativas dele depois da aquisição foi solicitar ao Patrimônio Histórico Municipal a abertura de um processo de tombamento do imóvel.

Heloisa Reis diz que, quando indagada sobre onde nasceu, faz questão de dizer: “Em Oliveira, terra de Carlos Chagas” e que está se sentindo honrada pelo fato de a fazenda em que nasceu o conterrâneo pertencer à família. Ela pretende reservar, no casarão, um cantinho com referências históricas ao cientista. “Quando se preserva, há que ter história para contar, nem que seja de forma simples”, diz a proprietária.

Para Francisco, comprar a fazenda foi a realização de um sonho, mas o casal sabe que vai ter trabalho e despesas, considerando o péssimo estado de conservação da sede. “Não vamos inventar nada e vamos dar conta de manter a casa sempre uma beleza”, garante Francisco. Ele contratou pedreiros que estão por conta de recuperar telhado e paredes.

No casarão está uma ermida montada no tempo da família



REPRODUÇÃO

de Carlos Chagas e peças como um antigo relógio de coluna. Há também vestígios da pintura original que eles estão tentando descobrir e recuperar. Do lado de fora, muros de pedra construídos no tempo da escravidão e gameleiras centenárias compõem o belo cenário do lugar.

Há um Memorial Carlos Chagas também na cidade de Lassance, de 6,5 mil habitantes, no Norte de Minas, a 280 quilômetros de Belo Horizonte. Foi lá que, em 1907, Carlos Chagas, instalado num vagão de trem, realizou as pesquisas sobre a doença que levaria seu nome. Fez a relação dos hematofagos com a transmissão da doença e estudou a importância social da endemia, que atingia moradores da região e operários que trabalhavam na construção da estrada de ferro.

O cientista dá nome a outra cidade mineira, localizada no Vale do Mucuri, a 550 quilômetros de Belo Horizonte. Carlos Chagas, de 21 mil habitantes, recebeu o nome quando o distrito de Urucu foi emancipado de Teófilo Otoni, em 1938.

PERFIL

Carlos Ribeiro Justiniano Chagas nasceu em 9 de julho de 1879, na Fazenda Bom Retiro, de propriedade do avô, em Oliveira, no Centro-Oeste de Minas Gerais. Ficou órfão de pai aos 4 anos e estudou como interno no Colégio dos Jesuítas, em Itu (SP). Estudou também em São João del-Rei, antes de formar-se em medicina, no Rio de Janeiro. Como médico, combateu a malária, doença em que se especializou, pesquisando sobre sua transmissão e consequências. Em 1907, viajou para Lassance, no Norte de Minas, para combater a doença que atacava os operários da estrada de ferro. Foi lá que descreveu a Doença de Chagas. Combateu a gripe espanhola, no Rio, em 1918. Fundou e dirigiu o Departamento Nacional de Saúde Pública e foi responsável por um novo Código de Saúde Pública no Brasil, em 1920. Criou diversos serviços especializados de saúde, como o de higiene infantil, de combate às endemias rurais, à tuberculose, à hanseníase, às doenças venéreas. Criou ainda escolas de enfermagem e estabeleceu a formação de médicos sanitários. Foi professor de moléstias tropicais na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Morreu subitamente em 8 de novembro de 1934, no Rio, aos 55 anos.



Oliveira tem 38 mil habitantes e fica a 160 quilômetros de Belo Horizonte, às margens da Rodovia Fernão Dias, que liga a capital a São Paulo. Consta que teria existido o sítio de uma senhora chamada Maria Oliveira, que abrigava os desbravadores em busca de ouro. Chamou-se inicialmente Picada de Goiás, depois Nossa Senhora de Oliveira, até ficar simplesmente Oliveira. Foi elevado à categoria de cidade em 1861.

FOTOS: BETO MAGALHÃES/EM/D.A. PRESS



Raquel de Castro Viglioni cobra atenção à memória do tio ilustre



Casa de Cultura de Oliveira guarda um rico acervo sobre a vida do médico



Fazenda Bom Retiro será tombada e preserva referências históricas